

Os EUA estão fora do Acordo de Paris. E agora?

Cumprindo uma promessa controversa de campanha, o presidente Trump retirou os Estados Unidos do Acordo de Paris sobre as mudanças climáticas, e inflamou as tensões diplomáticas com dezenas de aliados americanos.

O acordo, finalizado em dezembro de 2015, marcou um consenso internacional raro de 195 países após mais de 20 anos de negociações. Ele visa limitar o aumento da temperatura para menos de 2º Celsius acima dos níveis pré-industriais ao longo do próximo século.

Em maio desse ano, 147 nações ratificaram o acordo que permite que cada nação estabeleça sua própria meta e plano para reduzir a mudança climática. Tais planos são flexíveis, de modo que os países possam discutir seu progresso e continuar a fazer mudanças para reduzir a mudança climática.

Baseado em seu slogan “*Make the America great again*” (Faça a América grande novamente) Trump alegou que o acordo era prejudicial às empresas e aos cidadãos americanos e se ofereceu para negociar um novo acordo para substituir aquele que foi recusado. Afirmou que sua administração “iniciará imediatamente as negociações para voltar a entrar no acordo de Paris ou em uma transação totalmente nova com condições mais justa para os Estados Unidos, seus negócios, seus trabalhadores, seu pessoal e seus contribuintes”. Contudo, os líderes mundiais criticaram a saída dos Estados Unidos e disseram que não voltariam à mesa de negociação.

A Associated Press consultou mais de duas dúzias de cientistas do clima que utilizaram um modelo computacional com cenários especialmente projetados para analisar e calcular os efeitos potenciais do aquecimento global se os EUA saíssem do Acordo de Paris. Eles afirmam que a Terra atingirá níveis de aquecimento ainda mais rápido e mais perigosos se os EUA não cumprirem sua promessa de reduzir a poluição por dióxido de carbono, isso porque a sua contribuição para o aquecimento global é muito grande.

Os cálculos sugerem que isso poderia resultar em emissões de até 3 bilhões de toneladas de dióxido de carbono adicional por ano no ar. Quando se acrescenta ano após ano, cientistas disseram que esse montante é suficiente para derreter as camadas de gelo mais rapidamente, aumentar os níveis dos mares e desencadear condições climáticas extremas.

Um outro grupo de especialistas da Climate Interactive, também realizou uma simulação demonstrando o que aconteceria se os EUA não restringissem as emissões. Eles calcularam que até o ano de 2030, seriam lançadas mais 3 bilhões de toneladas de dióxido de carbono por ano no ar e que o planeta sofreria um acréscimo de até 0,5° Celsius até o final do século.

Afinal quais são os verdadeiros objetivos e as reais consequências das políticas propostas pelo presidente americano ao impor elevados cortes no orçamento federal, (quase 30%), afetando significativamente órgãos que atuam nas áreas de proteção ambiental como a Agência de Proteção Ambiental (EPA) e a Agência de Segurança Marítima (cuida da conservação do oceano, da vida marinha e da proteção de espécies ameaçadas) e, ao mesmo tempo, conceder aumento de US \$ 54 bilhões para despesas com defesa?

Não sabemos ao certo o que vai acontecer. É possível que a saída dos EUA do acordo crie problemas diplomáticos, mas poderá servir para unir o resto do mundo em seus esforços de promover energia limpa e reduzir as emissões.

Em um cenário mais extremo, outros países poderiam ameaçar impor tarifas de carbono no mercado dos Estados Unidos, provocando uma guerra comercial. A verdade é que a maioria das nações ainda tem interesse em evitar aumentos de temperatura drásticos. Mas existe um risco real de que, com a saída dos EUA do Acordo, o impulso para uma ação mais forte fique travado.



Elenice Rachid
Editora Chefe da RIC